

# SEÇÃO DE RESENHAS

## Sobre Algumas Descobertas Recentes Acerca da Origem das Desigualdades Sociais

FLANNERY, Kent; MARCUS, Joyce. *The Creation of Inequality*. How our Prehistoric ancestors set the stage for Monarchy, Slavery, and Empire. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

Joelton Nascimento<sup>1</sup>

Quando construímos críticas fundamentadas e científicas da estrutura social desigual e irracional de nosso tempo, estamos sempre pressupondo que esta estrutura é uma produção e reprodução social (SCHWALBE, 2008). Ao falarmos em criação de relações sociais de desigualdade, também estamos pressupondo que estas relações tiveram uma *origem*; pressupomos que nem sempre vivemos em sociedades estratificadas e desiguais nesta estratificação. Contrariamos, portanto, o senso comum que diz que “desde que o mundo é mundo, existem ricos e pobres”, cientificamente sabemos, por intermédio de inúmeras descobertas, que temos que discordar do senso comum a este respeito.

Conforme pesquisas relativamente recentes provaram, nós humanos temos algo em torno de 98,5% de identidade genética com os símios superiores. Ou seja, em apenas em 1,5% de nossos genes nos diferenciamos de chimpanzés e bonobos (DIAMOND, 2010).

Evidentemente, como sabemos, esta pequena diferença genética foi responsável pelas características que tornam nossa espécie mais do que apenas um animal habitando a Terra; antes, somos uma "força geológica" incomparavelmente impactante: o planeta, segundo diversos geólogos, vive um *Antropoceno*, isto é, uma era geológica que só é como é por conta da ação humana desta espécie de “chimpanzé” que somos<sup>2</sup>.

Algo constante nessa porção pequena de diferença genética, foi responsável pelo "cérebro social" de que dispomos, segundo o entendimento recente de arqueólogos e antropólogos. Este "cérebro social", por sua vez, foi a causa mais eficiente da sobrevivência dos *Homo sapiens* em meio aos últimos anos da última Era Glacial, que extinguiu outra espécie humana: a dos homens de neandertal.

Descobertos há algumas décadas em cavernas no Estreito de Gibraltar, os últimos resquícios dos homens de neandertal mostram que eles se compunham em grupos fundamentalmente isolados entre si. As ferramentas encontradas nas cavernas – suas

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: joeltonnascimento@hotmail.com

<sup>2</sup> Para uma visão crítica da noção de “Antropoceno”, cf. (CUNHA, 2012).

sepulturas finais – eram todas daquela região. Não possuíam quaisquer artefatos que não fossem os produzidos por eles mesmos, ou seja, nada prova que mantinham trocas de longa distância com outros grupos de neandertais. Na mesma época em que se extinguiram os últimos grupos de homens de neandertal (cerca de 40 mil anos atrás) *Homo sapiens* conseguiram atravessar estes mesmos dias gelados das tundras russas. Nos acampamentos humanos encontramos artefatos, como instrumentos e utensílios, além de adornos e instrumentos musicais, cujos materiais foram extraídos de locais que ficavam há mais de 900 quilômetros dos acampamentos onde foram encontrados, o que mostra claramente que os humanos mantinham trocas regulares com outros acampamentos, formando intrincadas redes de cooperação e troca<sup>3</sup>.

É nesse sentido que dizemos que o aparecimento da linguagem falada complexa é um divisor de águas entre o *Homo sapiens* e o homem de neandertal (DIAMOND, 2010). Nós só nos tornamos o que somos pois conseguimos estabelecer essa rede complexa de cooperação e trocas sociais que pode ser a diferença entre a vida e a morte, entre a sobrevivência e a extinção, quando se trata de grupos de caçadores e coletores. E fizemos tudo isso apenas porque podemos nos comunicar de modo complexo, criando teias de significação complexas, envolvendo tudo aquilo que nos cerca, teia esta que costumamos chamar de *cultura*.

Estas primeiras sociedades humanas de caçadores e coletores, entretanto, ao contrário de seus antepassados chimpanzés, não viviam em sociedades vertical e fortemente hierarquizadas. Como os estudiosos de grandes símios bem sabem, os grupos de chimpanzés são liderados por um macho alfa seguido por um gradiente verticalmente hierarquizado de outros membros do bando, segundo a força e as habilidades de combate corpo a corpo de cada um<sup>4</sup>. Os primeiros grupos de *Homo sapiens* que se tem registros, contudo, não se organizavam deste modo. *As mais arcaicas sociedades humanas* que nos legaram materiais de recolhas arqueológicas *eram bem mais igualitárias tanto do que os símios quanto das sociedades modernas*. No espaço social da família estendida eles compartilhavam igualitariamente alimentos, utensílios e instrumentos. Eram sim estratificadas, em geral as

---

<sup>3</sup> Para ver um interessante resumo audiovisual das descobertas recentes a este respeito, Cf. o primeiro episódio da série de documentários “O Homem na Terra”, da *Discovery Civilization* apresentado por Tony Robinson.

<sup>4</sup> Vemos esse modo hierarquizado e combativo de organização dos chimpanzés na forma de ficção no último filme da série *Planeta dos Macacos: o Confronto*, de Matt Reeves (2014), quando o líder do grupo de símios precisa enfrentar aquele que usurpou sua liderança por intermédio de um combate corpo a corpo, mesmo quando os demais chimpanzés “sabiam” que ele havia sido traído e emboscado por seu rival covardemente.

mulheres cuidavam da coleta e os homens da caça, mas igualitárias, não havia grupos privilegiados, não haviam classes sociais, estamentos ou castas, nenhum grupo explorava o produto de trabalho de outros.

Evidências genéticas levantadas recentemente mostram que em toda a Ásia, Europa, Austrália e Américas foram encontradas populações que descendiam de apenas um grupo de caçadores/coletores que deixaram a África em torno de 85 mil anos atrás. Os *Homo sapiens* chegaram ao sul da Ásia e na Austrália há 50 mil anos, e no norte da Ásia e na Europa 40 mil anos antes do presente. Nas Américas só chegaram há cerca de 15 mil anos. Eram grupos pequenos mas bastante coesos e que se ligavam entre si em vastas redes por vínculos de parentesco, trocas e suporte mútuos, como dissemos.

Estes grupos nômades de *Homo Sapiens* já se comportavam de modo *propriamente social*, isto é, seu comportamento não poderia ser inteiramente deduzido da natureza fisiológica de seus instintos: eles eram sociais quando se tratava do modo como conseguiam comida; da maneira como habitavam em espaços comuns; do arranjo que encontravam para distribuir as tarefas do grupo entre si; das técnicas que elaboravam para produzir ferramentas; dos estilos segundo os quais eles realizavam ornamentos corporais; assim como os significados que davam para os mortos e os ritos que realizavam para prepará-los e enterrá-los em algumas das sociedades.

Há um certo consenso científico de que as sociedades de caçadores-coletores que não se agruparam em clãs sejam as mais fortemente igualitárias; assim, em sociedades mais próximas a nós temporalmente, mas que se mantiveram tais características, podemos encontrar as reminiscências das origens das sociedades complexas atuais. Esta é a premissa fundamental do seminal livro de Kent Flannery e Joyce Marcus, *A Criação da Desigualdade*. Ou seja, em sociedades de caçadores-coletores que não se agrupam em clãs e que *permaneceram* se organizando deste modo até tempos modernos – isto é, algumas das sociedades estudadas pela Antropologia – nós poderemos encontrar valiosas analogias para pensarmos as origens das sociedades modernas, seja na linhagem euroasiática, seja na linhagem africana.

Tomemos como exemplos desta analogia as sociedades esquimós Caribou e Netsilik, como imagens da linhagem euroasiática, e as sociedades Basarwa e Hadza, como imagens das origens da linhagem africana.

O que Flannery e Marcus mostram exaustivamente (2012) é como os modos de vida tradicionais destas quatro sociedades se parecem muito com as que encontraríamos se voltássemos em uma máquina do tempo até 15 mil anos atrás e víssemos como nossos ancestrais começaram suas trajetórias que nos trazem onde hoje estamos.

Foram vários os arqueólogos que compararam os Esquimós (ou Inuit, como eles gostam de ser chamados) com os gravetianos e magdalenianos, os descendentes europeus da Era do Gelo. Se esse período da Pré-história se encerrou há cerca de 10000 anos atrás, os Inuit mantiveram estes modos de vida e de sociabilização intactos até, pelos menos 1920.

Os Netsilik, que vivem no Ártico Central canadense, e os Caribou, que vivem ao Oeste da Baía de Hudson, praticavam ao longo de sua existência uma marcada ética igualitária.

Havia uma divisão sexual do trabalho: os homens caçavam e pescavam, construíam iglus no inverno e conduziam os trenós movidos por cães; as mulheres construíam as tendas de verão, faziam as fogueiras e costuravam as roupas a partir de peles de animais. Em nenhuma destas sociedades havia a possibilidade de se amealhar qualquer lucro, qualquer tipo de estocagem ou acumulação: “Ninguém reclamava direitos exclusivos sobre a terra” (FLANNERY; MARCUS, 2012, p. 23). Desde as armadilhas para os animais até os açudes, tudo era propriedade comum. Durante períodos de carestia, toda a comida era dividida entre todos.

Quando os caçadores matavam um animal, uma foca por exemplo, aquele que foi o responsável pela caçada ficava com a melhor porção de carne, mas precisava distribuir as outras porções para seus companheiros de caçada e suas respectivas famílias. É interessante notar que esta distribuição por parte do caçador bem-sucedido não era meramente um “ato de vontade livre” como dizemos hoje. Antes, era aquilo que a sociedade esperava destes, tanto é assim que registrou-se um ritual no qual os animais eram destrinchados e as porções eram dadas em uma ordem própria, que seguia a ordem de importância para o caçador bem-sucedido e sua família. Ou seja, as porções de carne eram distribuídas para as famílias que estavam na ordem de reconhecimento e proximidade da família do caçador. Entre os Netsilik esse ritual era chamado de *niqaiturasuaktut*. A cerimônia foi descrita pela primeira vez em 1956 por um missionário<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Um exemplo desse costume podemos encontrar no filme *Apocalypto* (2006) de Mel Gibson, logo no começo, quando os caçadores e “Pata de Jaguar” matam um porco do mato e dividem cerimonialmente sua carne. Na cena seguinte, um grupo de outra tribo atravessa seu território e, para sinalizar que vinham em paz, ofereceram

A *niqaiturasuaktut* implicava uma série de relações e compromissos entre as famílias. Por exemplo, se dois caçadores constantemente concediam um ao outro as melhores partes da carne de suas caças é quase certo que seus filhos se juntarão futuramente em matrimônio, e assim por diante. Com as 12 partes cerimoniais da foca, por exemplo, garantia-se uma rede de cooperação de 12 ramificações, que uniam vastas regiões geladas.

Uma das características mais forte e mais importantes para nosso propósito e que encontramos nestas duas sociedades são suas instituições e costumes sociais de *aversão* à ganância e à acumulação. Os estudiosos desta cultura relatam inúmeras canções e performances satíricas que ridicularizam pessoas e famílias que dão sinais de vontade em acumular ou de se apropriar dos recursos comuns. Se por acaso um certo indivíduo ou mesmo uma família insistisse em tais atitudes, o acampamento poderia deixá-los quando mudassem da próxima vez. Se um indivíduo insistisse em comportamentos violentos neste mesmo sentido, esperava-se que fosse morto pela sua própria família, uma vez que o assassinato por alguém de outra família fazia nascer o direito de vingança.

Como dissemos, nosso interesse na antropologia dos Inuit é que diversos arqueólogos já notaram a semelhança nos modos de vida e no igualitarismo desses com a Cultura Folsom, por exemplo, que habitou o Colorado há cerca de 11 mil anos atrás. Sociedades de caçadores-coletores sem clãs, que se organizam em redes cooperativas e igualitárias, tal como quase toda a humanidade da qual originou a linhagem euroasiática.

Entre as sociedades Basarwa e Hadza, pela linhagem africana, os modos de vida e de cultura eram ainda mais igualitários. Como notaram os antropólogos que estudaram estas sociedades, nelas a generosidade era bem quista e premiada, a avareza e a tentativa de acumulação e ganância eram mal vistas e, se permanecessem, para além da sátira e do bom humor, nasceria ali uma razão mais que suficiente para o início de conflitos.

Portanto, antes da existência de clãs, os caçadores e coletores de onde todos descendemos, muito provavelmente vivia uma vida cheia de dificuldades, mas fortemente igualitária. Não era, como alguns dizem no senso comum, um compartilhamento igualitário de miséria. Com exceção de alguns momentos, em face de eventos da natureza ou de invasores, a vida era relativamente abundante e tranquila nestas sociedades. O fato é que elas

---

peixes como dádivas aos habitantes daquele território por onde estavam passando, ao oferecer uma contradação, selaram a paz momentânea. Este também é um tipo de ritual muito característico de sociedades de caçadores-coletores.

eram conscientes e eram ativas ao impedirem a emergência da desigualdade e, com ela, a acumulação e a exploração que lhe é decorrente.

Um fator importante para afastar as tendências à ganância e à acumulação de alguns membros e famílias destas sociedades eram os mitos e religiões criados por eles. As características comuns dos mitos e ritos destas e de muitas outras sociedades de caçadores e coletores eram as seguintes:

- 1) A generosidade é admirável, o egoísmo é repreensível;
- 2) A relação social criada pela dádiva é mais valiosa que a dádiva em si;
- 3) Todas as dádivas devem ser retornadas reciprocamente, entretanto, um certo hiato entre a dádiva e a contra-dádiva é aceitável;
- 4) Nomes são mágicos e não deveriam ser chamados casualmente;
- 5) Uma vez que todos os humanos reencarnam, os nomes dos ancestrais deveriam ser tratados com respeito particular;
- 6) O homicídio é inaceitável. A família de um assassino deve mata-lo ou prover a reparação para a família da vítima;
- 7) Não cometa incesto, espose alguém de fora de sua família imediata;
- 8) Em retorno ao casamento, o noivo deve prover a família da noiva com serviços e dádivas (FLANNERY; MARCUS, 2012, p. 54, *passim*)

Apesar de muito diferentes entre si, nestas sociedades não encontramos diferenças significativas nas vidas de seus membros que se assemelhe ao que chamamos de desigualdade.

A humanidade nasce, portanto, como bem perceberam Kent Flannery e Joyce Marcus, a partir de uma *ruptura* com o modo de organização social e de vida coletiva dos chimpanzés, que eram verticalmente hierarquizadas em essência. Apesar de que nenhum chimpanzé é “alfa” por nascimento, um deles atinge esse *status* dentro de suas tropas por intermédio de relações, muitas delas de confronto, que determinam o alfa e os grupos de beta, gamas, etc. Essa hierarquia também não é permanente, betas insatisfeitos podem se unir para destituir um alfa e colocar um de seus pares em seu lugar, originando um novo alfa, por exemplo. Entretanto, o que os primatologistas são unânimes em admitir é que a organização hierarquicamente verticalizada dos chimpanzés é estável pois não há qualquer

sinal de cooperação entre tropas. Não existe a possibilidade de trocas entre uma tropa e outra, e que, quando estas se encontram, trata-se inevitavelmente do cenário de um conflito de morte.

Ou seja, a inteligência humana, ao contrário do que se pode pensar no senso comum, não teve a função precípua de nos fazer melhores caçadores e coletores, inventores ou engenheiros mais competentes. Todas estas coisas foram as consequências de uma inteligência que nos permitiu primariamente construir redes de relações e de cooperação social entre não-parentes, o que só pôde acontecer sob bases fortemente igualitárias. Ou, como escrevem os dois estudiosos contemporâneos a “inteligência e a linguagem humanas evoluíram não para nos fazer melhores extratores mas para nos fazer melhores na cooperação social” (FLANNERY; MARCUS, 2012, p. 58).

As sociedades humanas, portanto, nascem e permanecem a maior parte do tempo sob uma cultura marcadamente *igualitária*. Em termos temporais absolutos, se tivermos em mente que os fósseis mais antigos de *Homo sapiens* datam de 195 mil anos atrás, e há apenas cerca de 10 mil anos vivemos em sociedades desiguais, isso significa que nos organizamos em sociedades desiguais em apenas 5% do tempo que nossa espécie habita o planeta. Ainda é, portanto, uma exceção e não a regra.

Mas aí uma pergunta se coloca: o que aconteceu com estas sociedades que as tornaram não só desiguais mas inigualitárias? Quais foram as novidades que, uma vez estabelecidas, venceram as barreiras que foram criadas até então contra a acumulação e a ganância de alguns membros ou de algumas famílias? Enfim, como surgiu a desigualdade social?

Mesmo em uma sociedade de caçadores-coletores como a sociedade Nootka, encontramos alguns elementos importantes para a criação das condições de reprodução da desigualdade. Em algum ponto de seu desenvolvimento, os Nootka (Nuu-chah-nulth) modificaram seus mitos e passaram a ensinar que os ancestrais de tais e quais famílias possuíam títulos e distinções que tais e quais famílias não possuíam. Isso terminava então por justificar diferenças entre os grupos descendentes de umas e de outras. Também nas sociedades Tlingit, as festas que celebravam as trocas cerimoniais foram perdendo o significado igualitário que possuíam para se tornarem um modo do chefe de um grupo expressar seu poder e seu *status*, além do controle ao acesso aos recursos comuns de uma certa região. Quando as chefaturas passaram a ser hereditárias, passaram a estar alicerçadas

todas as bases para o posterior desenvolvimento da desigualdade social que conhecemos até hoje.

Em suma, é preciso dizer que já havia várias potencialidades para a desigualdade dentro das igualitárias sociedades de caçadores-coletores que mencionamos. Por exemplo, um dos princípios marcantes destas sociedades é aquele segundo o qual quem chega primeira a um território tem prevalência sobre ele, e, portanto, uma linhagem que fosse formada depois de outra precisava se submeter às suas regras de ocupação do território. Os Nootka e os Tlingit são exemplos estudados pela Antropologia de sociedades de caçadores-coletores bastante desigual. O exemplo destas duas sociedades serve para ilustrar o fato, que Jean-Jacques Rousseau sequer sonhava, de que algumas sociedades de caçadores-coletores – e portanto, antes da invenção da agricultura e da pecuária – já assistiram à emergência de acentuada desigualdade.

O outro lado desse fato também é verdadeiro. Isto é, a agricultura e a pecuária não implicam necessariamente em desigualdade social. Algumas sociedades permaneceram igualitárias centenas de anos depois do início de práticas agrárias (FLANNERY, MARCUS, 2012, p. 91). Isto nos permite tentar uma hipótese: a importância do *privilegio hereditário* no estabelecimento da desigualdade social é maior do que qualquer outro fator tomado isoladamente.

Do ponto de vista subjetivo, muitos estudos antropológicos dão razão a Rousseau para quem as desigualdades são criadas a partir da vontade de indivíduos e grupos de se colocar e ser tratado como superiores em relação aos demais. Estudiosos contemporâneo reconhecem que “qualquer que seja o papel secundário de fatores como o crescimento populacional, a intensificação da agricultura e as vantagens ambientais, a desigualdade hereditária não teria ocorrido sem que houvesse uma manipulação ativa da lógica social por agentes humanos”(FLANNERY, MARCUS, 2012, p. 191). Ou seja, ainda que fatores ambientais tenham seu peso e papel, a desigualdade social é resultado fundamentalmente de uma *construção social* e sua permanência não possa se dar sem que tal construção se *reproduza socialmente*.

Pois bem, um filme que permite visualizar a diferença entre uma sociedade de caçadores-coletores e uma sociedade agrária é o já mencionado *Apocalypto* (2006) de Mel Gibson. No filme, uma pequena tribo é cercada e os homens e mulheres são capturados por um grupo de soldados de um cidade-estado que, aparentemente, pertence à cultura Maia.

Os Maias mostrados por Gibson já formaram aquilo que chamamos de civilização, com exército permanente, sacerdotes, exploração de mão-de-obra e um espaço urbano que reflete a desigualdade social.

A semelhança entre os Maias, os Astecas, e os Impérios Sumério e Egípcio é notável, se pararmos para reparar. E a partir daqui entramos na História propriamente dita e, como se sabe, a dita História da humanidade até então tem sido uma história de profundas e, por vezes brutais, desigualdades.

Dissemos que as desigualdades sociais são construídas socialmente. Entretanto, salientamos a importância que os fatores ambientais e geográficos possuem nesta construção.

Seria muito proveitoso a leitura do livro e do documentário de Jared Diamond, *Armas, Germes e Aço*(2001), que mostram as condicionantes biogeográficas para a supremacia histórica do branco europeu na modernidade. De fato, em algo Diamond tem toda a razão: não existem evidências – toda as que foram apresentadas foram suficientemente refutadas – que indiquem diferenças genéticas bastantes que possam servir como explicação para o jugo dos europeus brancos sobre os ameríndios e sobre os africanos. Jared Diamond mostra em *Armas, Germes e Aço* que diversos foram os fatores biogeográficos que concederam aos brancos europeus vantagens sobre outros povos, entretanto, eu não iria tão longe como Diamond vai ao afirmar que esses fatores explicam a desigualdade entre a Europa e os Estados Unidos (e poderíamos acrescentar Japão e Austrália) e o restante do mundo. Embora esteja de acordo com grande parte da argumentação de Diamond, ainda penso que ele é cientificamente cego para o fato de que estes fatores só se tornam decisivos a partir do mundo das culturas humanas; as sociedades criam significados para tudo o que as cerca, transformando tudo o que as rodeia material e simbolicamente naquilo que elas anseiam, assim, esses fatores só se tornam verdadeiramente decisivos após serem *socialmente construídos*.

Portanto, as armas, os germes e o aço que os brancos europeus possuíam a seu favor só se tornaram decisivos quando fizeram parte de uma cultura que precisava se expandir, que já havia estabelecido em seu interior importantes desigualdades sociais e que precisava de matérias-primas e mão-de-obra para aumentar sua expansão. Ou seja, não importa o quão importante tenham sido os fatores materiais (geográficos, ecológicos, etc.) que favoreceram um certo povo em detrimento de outro, estes fatores faziam parte,

necessariamente, de uma sociedade humana. Sendo assim, estava dentro de um arcabouço cultural e social. Com isso podemos reafirmar nossa conclusão de que a desigualdade é sempre, em qualquer lugar onde ela exista, uma *construção social*.

### **Referências bibliográficas**

CUNHA, Daniel. O Antropoceno como alienação. *Sinal de Menos*, nº 8, 2012. Disponível em: <http://migre.me/odb8G>.

DIAMOND, Jared. *Armas, Germes e Aço*. São Paulo: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Terceiro Chimpanzé*. São Paulo: Record, 2010.

SCHWALBE, Michael. *Rigging the Game – How Inequality is Reproduced in Everyday Life*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2008.